

# *Expertise*: Conhecimento, alfabetização estética e educação não-formal nas ondas do rádio

Sheila Cristina da Silva Campos<sup>1</sup>

Andreia Maria da Silva França<sup>2</sup>

CAMPOS, SCS. *Expertise*: Divulgação de conhecimento, alfabetização estética e educação não-formal nas ondas do rádio. Ano de Defesa: 2025. Data da aprovação: 11.dezembro. 2025. Ano do depósito: 2025. Artigo de conclusão da graduação em Licenciatura em Educação Profissional e Tecnológica - LEPT - IFB.

## RESUMO

O presente artigo apresenta um relato de experiência a partir da realização do *podcast Expertise*, buscando compreender sua contribuição na disseminação do conhecimento artístico e acadêmico do e no Distrito Federal, tanto ao revisitar o período de seu lançamento e veiculação como programa radiofônico na Rádio Cultura FM de Brasília, entre 2011 e 2016, como também descrevendo sua retomada no ano de 2025 no formato de *podcast*, sendo ofertado em áudio e em vídeo, transmitido em diferentes suportes. Procurou-se, ainda, distinguir se a iniciativa pode ser compreendida como uma iniciativa de educação não-formal, sem limitar-se ao que chamamos de divulgação científica. A autora, licencianda em Educação Profissional e Tecnológica, atuou como idealizadora, curadora, coordenadora geral, produtora e entrevistadora, tanto no primeiro formato quanto no corrente ano, amalgamando papéis complementares - de artista, comunicadora e pesquisadora -, a fim de consolidar uma iniciativa de aproximação entre grande público e as realizações acadêmicas e culturais da contemporaneidade a partir da contribuição de nomes relevantes da capital do Brasil.

**Palavras chave:** relato de experiência; educação não-formal; *podcast Expertise*; TICs.

## ABSTRACT

*This article presents an account of the experience of creating the Expertise podcast, seeking to understand its contribution to the dissemination of artistic and academic knowledge in and from the Federal District of Brazil. It revisits the period of its launch and broadcast as a radio program on Rádio Cultura FM in Brasília, between 2011 and 2016, and describes its revival in 2025 as a podcast, offered in audio and video, and transmitted across different platforms. Furthermore, it attempts to distinguish whether the initiative can be understood as a non-formal education initiative, without limiting itself to what we call scientific dissemination. The author, a student in Professional and Technological Education, acted as the creator, curator, general coordinator, producer, and interviewer, both in the first format and in the current year, combining complementary roles – that of artist, communicator, and researcher – in order to consolidate an initiative that brings the general public closer to contemporary academic and cultural achievements through the contributions of relevant figures from Brazil's capital.*

**Keywords:** *experience report; non-formal education; podcast Expertise; ICTs.*

---

<sup>1</sup> Mestra em Literatura pela Universidade de Brasília - UnB e Licencianda em Educação Profissional e Tecnológica pelo Instituto Federal Brasília - IFB *Campus* Samambaia.

<sup>2</sup> Doutora em Geologia pela Universidade de Brasília, Mestra em Sensoriamento Remoto pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - INPE e Professora do Instituto Federal Brasília - IFB *Campus* Samambaia.



## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1. PRÓLOGO: O PROGRAMA *EXPERTISE*

O programa *Expertise* nasceu na Rádio Cultura FM de Brasília em 2011, quando eu era servidora comissionada, na função de locutora e operadora de áudio; e a única diretora mulher que tivemos convidou cada pessoa que lá trabalhava e deu liberdade para que criássemos e produzíssemos programas a partir de nossos repertórios fora da Rádio - formação, interesses, experiências e afins. Ingressei na emissora em 1994, e trabalhei por um ano sem ser contratada, na madrugada (das 3h às 7h, de segunda à sexta feira), a fim de obter meu registro de Radialista por meio do Sindicato local. Somente em 1995, quando uma vaga foi concedida pela Secretaria de Cultura à Rádio, vim a ser contratada. Em 2011 eu já somava cerca de 17 (dezesete) anos em Rádios, sendo mais de 10 (dez) deles na Cultura e tendo, nesse ínterim, passado também pelas rádios Câmara FM (como folguista), Executiva FM (por três anos) e Nova Brasil FM (durante o ano de 2005, único em que a emissora paulista abriu grade local).

Cursara Artes Cênicas na UnB e já cursara dois mestrados, em História e em Literatura, na mesma instituição, sem concluí-los. Em 2011 acabava de ingressar novamente, já em minha terceira seleção, voltando para o PPGHIS (Mestrado em História). Com base nesse acúmulo, idealizei e produzi o programa *Expertise*, com duas horas de duração e estréias semanais, com reprises mais duas vezes na semana (uma delas tarde da noite), com o propósito de entrevistar docentes, pesquisadoras(es), especialistas e artistas, primeiramente sobre a teoria e história das Artes para, logo em seguida e a partir de demandas externas, ampliar para todas as áreas do saber. Cada pessoa convidada levava e compartilhava, também, uma seleção musical, apresentando aos ouvintes suas escolhas.

Desde sua gênese, o propósito foi tornar acessível a ouvintes de todas as classes socioeconômicas e níveis educativo-culturais esses conteúdos. O lema que me orientava era querer que advogadas(os), porteiras(os), médicas(os), cozinheiras(os), auxiliares de serviços gerais, estudantes e etc. compreendessem o que fosse ali exposto, desmistificando o saber científico, filosófico e artístico.

A motivação era transgredir o elitismo que por décadas caracterizou a ilustração no Brasil, compartilhando o legado humano com todas(os) as(os) cidadãs(ãos).

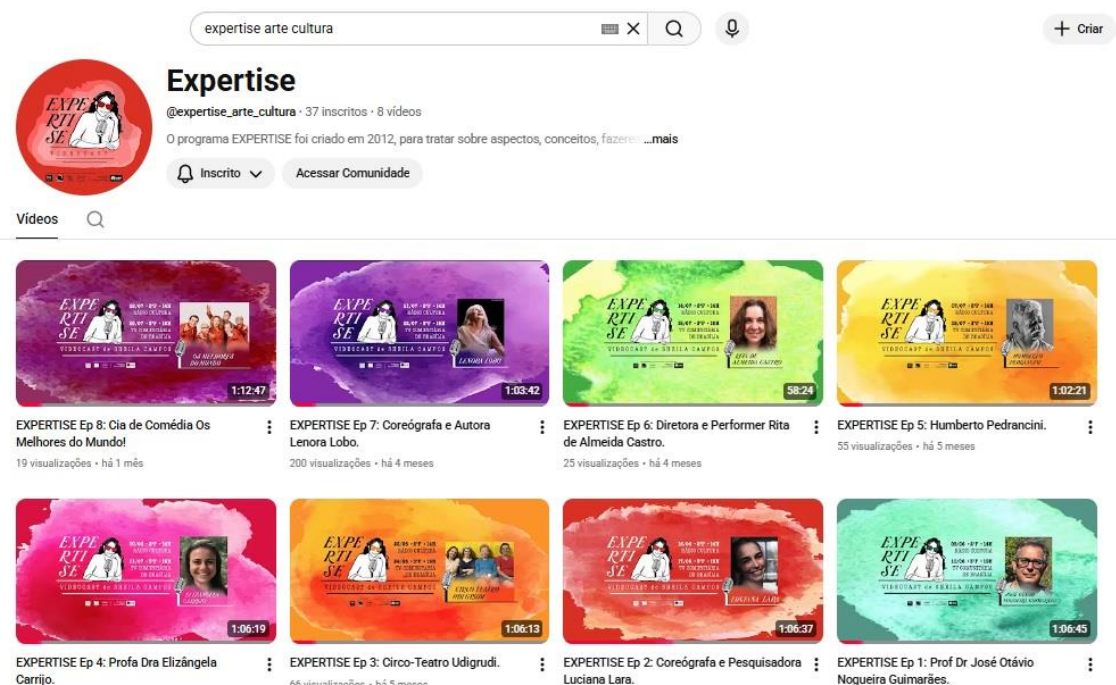


Figura 1: o canal do podcast no Youtube, 2025.

## 1.2. ALGUNS DESAFIOS HISTÓRICOS DA DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO NO BRASIL

A educação brasileira, longamente restrita à parcela abastada da população e sem raízes numa verdadeira e profunda construção nacional que considerasse as necessidades e vivências do povo habitante deste vasto território, acabou por consolidar um perfil eurocêntrico, primeiramente, mimetizado pelo modelo francês – uma vez que Paris representava a grande metrópole mundial em termos de conhecimentos, artes, costumes e valores – e, posteriormente, alargando-se para assimilar outras influências, todas do norte global. Ribeiro (1972) descreve o abismo objetivo e subjetivo da população brasileira e os resultados perversos disso:

A classe dominante brasileira (...) é chamada a exercer, desde o início, o papel de uma camada gerencial de interesses estrangeiros, mais atenta para as exigências destes que para as condições de existência da população nacional. Não constituía, por isso, um estrato senhorial e erudito de uma sociedade autônoma, mas uma representação local, alienada, de outra sociedade... (Ribeiro, 1972, p. 157.)

Condição que, adiante, reforça:

A classe dominante branca ou branca-por-autodefinição (...), tendo como preocupação maior (...) salientar sua branquitude e, no plano cultural, sua europeidade, só aspirava ser lusitana, depois inglesa e francesa, como agora só quer ser norte-americana. E conseguia simular razoavelmente estas identificações nos modos de morar, de vestir, de comer, de educar-se (...). A imitação do estrangeiro que era inevitável não seria um mal em si (...). O mal residia e ainda reside na rejeição de tudo que era nacional e, principalmente, popular, como sendo ruim, porque impregnado de subalternidade da terra tropical e da inferioridade dos povos de cor (Ribeiro, 1972, p. 158).

Os filhos das elites eram, portanto, sem exceção, enviados para completar estudos no velho continente; aos filhos da classe trabalhadora, bem como da classe pobre, escravizada ou não, restava o analfabetismo. Ribeiro (1995), em outra obra capital, assinala que:

Apesar da associação da pobreza com a negritude, as diferenças profundas que separam e opõem os brasileiros em extratos flagrantemente contrastantes são de natureza social. São elas que distinguem os círculos privilegiados e as camadas abonadas - que conseguiram, numa economia geral de penúria, alcançar padrões razoáveis de consumo - da enorme massa explorada no trabalho, ou até dele excluída para viver à margem do processo produtivo e, em consequência, da vida cultural, social e política

da nação. A redução dessas diferenças constitui o mais antigo desafio que repta a sociedade brasileira a promover uma reordenação social que enseje a integração de todo o povo... (Ribeiro, 1995, p. 235)

Desta feita, além de a educação brasileira, ao se consolidar, trazer perspectivas e práticas eugenistas, a produção científica tarda a ser realizada e fomentada no Brasil; de igual maneira, a compreensão pública da mesma delinea-se, paulatinamente, como “um problema, o qual não se refere apenas à escola, instituição representante da educação formal, mas envolve também ações das mais diversas entidades, em diferentes espaços de atuação da educação não formal” (Oliveira e Araújo, 2016).

Ainda hoje causa espanto o quase absoluto afastamento da grande maioria da população acerca do que é produzido em termos de conhecimento, seja na filosofia, tecnologias, artes, ciências ou outros avanços, por profissionais brasileiros, não só nas universidades, como também nos institutos de pesquisa e demais instituições. Raras realizações conseguem angariar um tímido reconhecimento da mídia convencional, quase nunca mais que uma menção pontual<sup>3</sup>.

A esta altura, importa fazer a distinção entre “divulgação científica” e “comunicação científica”. Uma diferença fundamental entre as duas práticas reside no público-alvo. “A divulgação está voltada para o público geral; a comunicação para os pares do campo científico. Em ambos os casos, faz-se uso de recursos para transmitir informações do campo científico ou tecnológico ou da inovação” (Bezerra e Watanabe, 2025). Isso significa que os procedimentos de comunicação entre os pares - seja entre cientistas, entre filósofos, entre acadêmicos e mesmo entre artistas - são diferentes das formas de

---

<sup>3</sup> Em 2025 pudemos averiguar as seguintes matérias em veículos de alcance nacional, em suas edições online: a premiação da jovem cientista Fabiana Corsi Zuelli, destacada no site da G1 (disponível em: <https://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2025/01/08/pesquisadora-da-usp-e-1a-brasileira-a-conquistar-premio-global-para-jovens-cientistas-saiba-quem-e.ghtml>), do O Globo (disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/noticia/2025/01/06/brasileira-recebe-pela-1a-vez-premio-internacional-para-jovens-cientistas-com-pesquisa-sobre-psiocose.ghtml>) e da CNN (disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/educacao/pesquisadora-da-usp-e-a-1a-brasileira-a-receber-premio-global-para-cientistas/>), todos pertencentes ao mesmo Conglomerado de Comunicação; e da Forbes Brasil (disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-mulher/2025/02/conheca-a-pesquisadora-da-usp-vencedora-de-premio-global-de-ciencia/>) em janeiro; a premiação da química Liane Rossi, publicada no site Metrôpoles (disponível em: <https://www.metropoles.com/ciencia/cientista-brasileira-ganha-premio-sueco>) em fevereiro; a premiação da cientista Mariangela Hungria, mencionada no site da revista Fórum (disponível em: <https://revistaforum.com.br/brasil/2025/6/3/pesquisadora-me-quem-cientista-brasileira-que-ganhou-prmio-nobel-da-agricultura-180639.html>), para citar alguns exemplos. O que se quer comprovar é que qualquer episódio envolvendo jogadores de futebol, por exemplo, ganham as manchetes de todos os jornais de grande circulação, bem como dos noticiários televisivos.

divulgação do conhecimento produzido em cada um desses meios para o grande público, o chamado “público leigo”.

Os objetivos também divergem: enquanto em cada meio específico as novas descobertas, avanços, refutações ou comprovações exigem diálogos de cada comunicação científica com pesquisas anteriores, critérios de validação e outros fatores, a divulgação científica concorre para a formação de toda a população, de maneira mais acessível e palatável, muitas vezes despertando o interesse e aproximando tais conhecimentos da vida cotidiana. Exemplificando de maneira simples: o *podcast Expertise* propôs-se realizar divulgação científica, e até extrapolá-la, convertendo-se numa iniciativa de educação não-formal; o presente artigo, por sua vez, pretende caracterizar uma comunicação científica.

Nas rede mundial de computadores, atualmente principal veículo para um percentual significativo de pessoas, alguns perfis dedicam-se à divulgação científica e de conhecimentos na rede social Instagram, por exemplo, como: Kananda Eller, jovem mulher negra graduada em Química e mestra em Ensino das Ciências Ambientais pela USP, dá visibilidade por meio de seu perfil, @deusacientista , a inúmeras áreas científicas. A influencer já declarou em entrevista acreditar que a “divulgação científica deve fazer parte da construção de uma sociedade mais justa e igualitária”; Bárbara Carine, mulher negra que é professora efetiva da UFBA, graduada em Filosofia e em Química e com mestrado e doutorado em Ensino de Química pela mesma Universidade, é palestrante, autora de diversos livros de letramento racial, foi finalista do Prêmio Jabuti por dois anos seguidos e venceu, em 2024, o Prêmio Jabuti na categoria Educação. Sócia-fundadora da Escola Afro-brasileira Maria Felipa, primeira escola Afro-brasileira do Brasil, efetua uma importante crítica à Academia eurocêntrica brasileira. Por meio de seu perfil, @uma\_intelectual\_diferentona , realiza um importante e diuturno trabalho de letramento racial; Marcia Tiburi, graduada em Filosofia e em Artes Visuais, com mestrado e doutorado em Filosofia, é autora, foi apresentadora do programa “Saia Justa” na GNT e, mais recentemente, tem-se destacado como artista visual; em seu perfil, @marciatiburi , empreende debates importantes sobre fascismo, autoritarismo, ética, e realiza um necessário letramento de gênero de maneira acessível para todas as gerações; e, a partir do maior site de Sociologia e de Língua Portuguesa do país, criado em 2009, os editores Cristiano Bodart e Roniel Sampaio Silva estenderam a atuação até o Instagram com o perfil @cafecomsociologia, para citar alguns produtores e produtoras de conteúdo.

Constituem número escasso, que se dedicam ao trabalho de divulgação do trabalho intelectual e científico, e dos significados destes para o crescimento do Brasil, sempre com menor adesão de seguidores que perfis de entretenimento. No país em que jogadores de futebol e “influenciadoras” de moda são tratados com uma seriedade que toca o absurdo, os homens e mulheres das ciências e demais áreas do conhecimento são ignorados por seus compatriotas.

Neste cenário, importa investigar as possibilidades e meios de educação não-formal empreendida não só em ambientes distintos da escola, como em bairros, ongs e/ou centros culturais, por exemplo; mas também em formatos diferenciados, como o radiofônico e o audiovisual - que compõem as chamadas Tecnologias de Informação e Comunicação - TICs, ao lado da rede mundial de computadores. É possível ensinar/educar parte da população a partir de programas de rádio, programas de TV, vídeos no Youtube e de *podcasts*?

Podemos adiantar que, no caso do rádio brasileiro, tem-se documentado pelo menos “noventa anos de ações pontuais educativas” (Andrelo, 2012). A Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, “primeira emissora regular brasileira, surgiu em 1923 com o objetivo de ‘levar a cada canto um pouco de educação, de ensino e de alegria’” (*ibidem*, 2012).

Mais ainda:

Edgard Roquette-Pinto, um dos fundadores da emissora, ao lado de Henrique Charles Moritze e de um grupo de intelectuais da Academia Brasileira de Ciências, dizia: o rádio é o jornal de quem não sabe ler; é o mestre de quem não pode ir à escola... (*ibidem*, 2012).

Interessa-nos este veículo em particular por ter sido o meio pelo qual o programa *Expertise*, objeto deste artigo, estreou e foi veiculado por cerca de cinco anos, sendo a inspiração para a conversão em *podcast* em 2024 (projeto materializado em 2025). Concomitantemente à investigação acerca das TICs como plataformas para a Educação, faz-se necessário agora elucidar as diferenças entre “divulgação científica” e “educação não-formal”.

Por essência, a divulgação científica busca compartilhar pesquisas e conceitos científicos para um público amplo, leigo ou pouco inteirado do assunto. Uma das preocupações centrais é tornar compreensível os dados e/ou informações, lançando mão de comparações, explicações, exemplos, imagens e o que se fizer necessário para tal.

Mesmo sem abrir mão do embasamento teórico, que é o que deseja compartilhar com o público, as iniciativas de divulgação científica acabam por serem mais abrangentes, em parte superficiais, uma vez que o objetivo é propiciar uma “porta de entrada” para aquele universo. Desta feita, descrevem as ideias, procedimentos, descobertas e resultados, difundindo o conhecimento por meio textual e também não-verbal (como ilustrações, gráficos, etc.). Dito isso, depreende-se que as iniciativas de divulgação científica promovem uma aproximação do grande público dos temas usualmente circunscritos à Academia e/ou a pequenos grupos de especialistas<sup>4</sup>.

Diferente da divulgação científica, podemos tomar como educação não-formal todos os esforços, práticas, iniciativas que contribuem para o aprendizado, mesmo quando realizados de maneira mais flexível que no sistema formal de educação (que, no Brasil, ocorre unicamente na escola). Essas práticas educativas podem se traduzir em oficinas, cursos de capacitação, programas comunitários e/ou projetos culturais, que almejam desenvolver habilidades, competências e valores. Dito de outro modo:

(...) A educação não-formal (...) se constitui uma forma de educação que circunscreve um conjunto de práticas que capacitam os indivíduos para diversas ações, como a organização em função de objetivos comunitários e a solução de problemas coletivos; a aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades para o trabalho; a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, escolar, desenvolvidos com ênfase em modalidades alternativas e adaptadas à realidade da população atendida; a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; e o uso dos recursos desenvolvidos na e pela mídia, pelo convívio social, pelas famílias e pela comunidade como um todo (Oliveira e Araújo, *op. cit.*, 2016).

Assim, este artigo apresenta um relato de experiência no campo da democratização de avanços filosóficos, artísticos e científicos empreendida pelo *podcast Expertise*, investigando, ao mesmo tempo, se este pode ser caracterizado como uma iniciativa de educação não-formal. O objetivo principal é responder sobre a capacidade das TICs como instrumentos para a educação não-formal, bem como refletir sobre os impactos do *podcast Expertise* na sensibilização, formação estética e aproximação do público em geral em

---

<sup>4</sup> Para maior aprofundamento no conceito, recomenda-se a leitura de Bueno (2010); bem como da reportagem: “Mais de 200 anos de comunicação da Ciência no Brasil”, que estabelece uma importante distinção entre *divulgação científica* e *letramento científico*, dentre outros aspectos.

relação à produção artística, à pesquisa acadêmica e às ciências humanas, com ênfase no Distrito Federal.

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho foi desenvolvido com base em uma abordagem qualitativa, por meio de um relato de experiência vivido durante veiculação do *podcast Expertise* no que concerne à divulgação filosófica, artística e científica. Visando atender aos objetivos propostos, os procedimentos metodológicos compreenderam as seguintes etapas:

1. A pesquisa qualitativa *ex-post-facto*;
2. Coleta de dados sobre números de acessos, “curtidas” e comentários públicos deixados espontaneamente nos canais de veiculação, e
3. Revisão de bibliografia especializada.

A pesquisa de caráter qualitativo desenvolvida para a escrita do presente artigo caracteriza-se, concomitantemente, como pesquisa *ex-post-facto*:

Pode-se definir pesquisa *ex-post-facto* como uma investigação sistemática e empírica na qual o pesquisador não tem controle direto sobre as variáveis independentes, porque já ocorreram suas manifestações ou porque são indubitavelmente não manipuláveis (Kerlinger *apud* Gil, 1999).

Desta feita, a pesquisa *ex-post-facto* é empreendida sem qualquer controle por parte do(a) pesquisador(a), sendo necessário o estudo dos efeitos já exercidos pelas variáveis. “A pesquisa *ex-post-facto* lida com variáveis que, por sua natureza não são manipuláveis, como: sexo, classe social, nível intelectual, preconceito, autoritarismo, etc.” (Gil, 1999, 69). Como nossa atenção recai sobre uma audiência efêmera que não pôde ser quantificada, tanto em televisão quanto em rádio, somada a visualizações em plataformas diversificadas na internet - Youtube e redes sociais, que deixam poucos “rastros” com os quais possam trabalhar os(as) pesquisadores(as) -, essa modalidade mantém sua relevância e tem a contribuir.

Apesar de serem óbvias as limitações da pesquisa *ex-post-facto*, isto não significa que devam ser descartadas como não científicas. Muitos problemas nas ciências sociais são *ex-post-facto* e requerem, portanto, pesquisas *ex-post-facto* simplesmente porque as variáveis independentes não são manipuláveis. O que se faz necessário nesses estudos é considerar

outras variáveis possivelmente relevantes (...) (Kerlinger *apud* Gil,1999, p. 70).

Os dados coletados referem-se aos episódios disponibilizados na rede mundial de computadores, a saber: Youtube e as redes sociais Instagram e Tik Tok, nas quais os chamados *Reels*, que são versões curtíssimas dos vídeos para fins de divulgação, também conhecidos como “cortes” na linguagem audiovisual - normalmente um trecho de uma fala do(a) entrevistado(a) e/ou da entrevistadora -, também obtiveram visualizações; bem como referem-se aos números de “curtidas” e comentários realizados em todos esses espaços. Os endereços de cada episódio constarão da descrição da lista de entrevistados(as), enumerados na sequência.

### 3. RELATO

Inúmeras são as questões em torno da familiaridade do povo brasileiro quanto à produção científica, filosófica e artística brasileira. Sabe-se que, “sendo a divulgação científica um fenômeno social e político, cada cultura elabora questões referentes às suas necessidades, ao mesmo tempo em que desenvolve características próprias de comunicar a ciência ao público” (*op. cit.*, 2016).

No caso nacional, uma das mais consistentes iniciativas foi a criação do CNPq, que é o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Sua primeira denominação foi: Centro Nacional de Pesquisas, cuja sigla, CNPq, permaneceu mesmo após a modificação do nome. Esta instituição pública reuniu, no início do século XX, as responsabilidades de fomentar sistematicamente a pesquisa brasileira e promover a divulgação científica, dentre outras atribuições. As principais ações voltadas para a divulgação científica, segundo o site da própria instituição, consistem em:

i) concessão do Prêmio José Reis de Divulgação Científica, primeiro prêmio instituído pelo CNPq, desde 1978;

ii) fomento de Chamadas Públicas em divulgação e popularização da ciência, em conjunto com Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, como os de feiras de ciência e mostras científicas de âmbitos nacional, estadual e municipal; ciência móvel; olimpíadas científicas; apoio financeiro concedido a espaços científicos-culturais que promovam atividades de divulgação científica e valorizem a interatividade, como centros e museus de Ciência e Tecnologia, planetários, jardins

zoobotânicos e instituições similares; apoio à Semana Nacional de Ciência, Tecnologia e Inovação, de âmbito nacional, desde 2004;

iii) fomento à pesquisa em Divulgação Científica, com a criação do Comitê de Assessoramento em Divulgação Científica – CA-DC, em 2007;

iv) inserção no relatório técnico final de um campo para texto para não especialistas e vídeo curto dos resultados do projeto em 2011;

v) fomento à pesquisa integrada à divulgação científica em chamadas de biodiversidade, desde 2007;

vi) criação de nova aba no Currículo Lattes, relacionada à produção em "Educação e Popularização da ciência";

vii) divulgação das ações de fomento e dos resultados das pesquisas apoiadas pelo CNPq por meio dos canais próprios de comunicação, pela Coordenação de Comunicação – COCOM/CNPq (Fonte: <https://www.gov.br/cnpq/pt-br/assuntos/popularizacao-da-ciencia/o-cnpq-e-a-divulgacao-cientifica> acessado em 23/11/2025, às 17h40).

Apesar da quantidade de iniciativas, é possível constatar a ausência de *letramento científico* da maioria da população brasileira - sejam habitantes de regiões distantes dos grandes centros urbanos, seja a parcela da população que vive nas cidades médias e grandes, que vive igualmente alheia ao universo do conhecimento.

A partir de minha vivência, posso registrar que, mesmo nos anos em que cursei os Ensinos Fundamental e Médio (chamados anteriormente de 1o e 2o graus) em escola pública de Brasília, o Colégio da Asa Norte - CAN, não experienciei qualquer visita a “Feiras de Ciências”, bem como a “Mostras Científicas” e/ou me foi possibilitado participar de “Olimpíadas Científicas”, em qualquer ocasião.

Posteriormente, em contraste a esse total descolamento, como estudante de Universidade Pública Brasileira e mais: tendo o privilégio de experienciar o modelo instituído por Darcy Ribeiro na Universidade de Brasília, de intenso intercâmbio entre as disciplinas do conhecimento, concomitantemente à minha atuação profissional em Rádio, especialmente na única emissora pública, de caráter educativo-cultural, do Distrito Federal - a Rádio Cultura FM de Brasília; e, ainda, como artista de artes cênicas, testemunhei a qualidade e profundidade das discussões diárias na Academia.

Vivenciando o cotidiano da rádio, insatisfeita com o vazio da simples veiculação de músicas (em sua maioria de língua inglesa, somadas a alguns *standards* brasileiros e

composições autorais de artistas do DF), acrescida de noticiários em formato muito padronizado e agendas culturais que informavam apenas as datas, locais e valores de ingressos de peças, shows e filmes; ou o horário e local de eventos como abertura de exposições, lançamento de livros e etc., ocorreu-me que a rádio pública deveria e poderia ser mais um instrumento de formação da população. Não simplesmente de “informação”, mas de uma *paideia*, de um real aprofundamento em muitos campos, de maneira consistente, com tempo para reflexão e apropriação daquilo que os meios de comunicação hegemônicos não acolhiam.

Vislumbrei, deste modo, uma possibilidade de transgredir o distanciamento imposto ao público em geral em relação aos debates e descobertas dos meios científico, artístico e filosófico concentrados na universidade ou círculos de especialistas: não deveriam os meios de comunicação, que no Brasil são concessões públicas (a maioria das vezes, cedidas a empresas privadas), fortalecerem a educação do povo, em lugar de o alienar?

A partir disso, idealizei e produzi um programa radiofônico intitulado *Expertise*, com duas horas de duração e transmissão semanal, a fim de entrevistar sem pressa docentes, pesquisadoras(es), especialistas e artistas, primeiramente sobre a teoria e história das Artes para, logo em seguida e a partir de demandas externas, ampliar para todas as áreas do saber. Desde sua gênese, o propósito foi tornar acessível a ouvintes de todas as classes socioeconômicas e níveis educativo-culturais esses conteúdos. O programa foi veiculado de 2011 a 2016, sendo retirado do ar quando uma nova Direção da rádio mudou a linha editorial de toda a programação, exigindo “mais músicas e menos informações”.

Em 2024, convencida da relevância do papel exercido pelo programa, criei um projeto para convertê-lo ao formato de *podcast*, visando novamente contribuir para a formação de um espectro mais amplo da população, propiciando verdadeira aproximação entre o grande público e a produção artística e a pesquisa acadêmica, com ênfase no Distrito Federal, ao realizar um produto audiovisual de alta qualidade técnica e de conteúdo, colaborando com o processo de valorização de artistas e estudiosas(os) e, em última instância, incentivando o amor de nossa população pelo conhecimento.

Em meio à revolução digital contemporânea, fazia-se imperioso, ainda, sensibilizar novos públicos por meio da transmissão via internet, ampliando adesões e alcance para muito além das salas de aula e, até, das ondas do rádio, fazendo-se presente no universo virtual.

Para tanto, foi redigido um projeto que concorreu ao fomento do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal, conhecido como FAC-DF, da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa - SECEC-DF. O projeto alcançou boa pontuação e, em 2025, a equipe foi convocada a realizá-lo.

Foram produzidos 8 (oito) episódios de entrevistas, em formato de *podcast*, que remontam ao programa original veiculado entre 2011 e 2016 na Rádio Cultura FM de Brasília. Uma parceria foi feita para que as gravações ocorressem na emissora, de modo a valorizar a única rádio pertencente à população do DF e registrar ter sido o “berço” da iniciativa desde tempos recuados.

Em 2025, foram convidadas(os) mais uma vez oito participantes emblemáticas(os) da primeira temporada para traçarem um panorama sobre as mudanças em seu meio de pesquisa e produção, bem como as possíveis consequências dessas, sob o ponto de vista das especificidades de cada área.

Deste modo, discussões sobre conceitos e categorias importantes – como cultura, imaginário, Ocidente, as relações entre a tradição e a modernidade, as questões de identidade, memória, comicidade, patrimônio, formação, linguagens artísticas, territorialidades e redes, universidades e epistemologias não-hegemônicas, avanços tecnológicos, políticas públicas e outros -, contribuíram para a construção de um registro consistente sobre o pensamento Científico, Ético e Estético em determinado recorte histórico, o ano presente, a partir de nomes de relevo nas várias disciplinas do conhecimento e da cultura no Distrito Federal.

Em formato audiovisual, com veiculação na TV Comunitária de Brasília<sup>5</sup> e, na sequência, disponibilizados no Youtube<sup>6</sup>; bem como no formato de áudio, sendo veiculados pela Rádio Cultura FM de Brasília e, na sequência, sendo publicados na plataforma digital Spotify<sup>7</sup>, os episódios permanecem disponíveis para quaisquer pessoas interessadas, no Brasil e no mundo. A lista curatorial de 2025 observou a variedade de áreas de conhecimento e procurou respeitar a paridade de gênero entre participantes:

- **José Otávio Nogueira Guimarães**

O primeiro episódio de 2025 trouxe o historiador, professor adjunto no Departamento de História da Universidade de Brasília, pesquisador, editor e autor José Otávio Nogueira Guimarães. O profissional coordenou a Secretaria-Executiva da Rede Latino-Americana de Justiça de Transição (2014-2015) e as pesquisas da Comissão Anísio Teixeira de Memória e Verdade da UnB (2013-2015), com experiência na área de História, com ênfase em teoria, historiografia e políticas de memória, atuando, principalmente, nos seguintes temas: história da historiografia, usos políticos do passado, justiça de transição e tradição clássica.

O professor e pesquisador foi convidado a discorrer sobre as bases do chamado pensamento ocidental, tendo como linha condutora a emancipação das artes desde os gregos antigos. O contexto que deu nascimento à tragédia, os valores da classe

---

<sup>5</sup> A TV Comunitária de Brasília, existente há 28 anos, aborda temas nacionais e internacionais, como macroeconomia, reforma agrária, divisão de renda, produção agroecológica, a importância dos alimentos sem veneno e combate ao agronegócio. Por seu caráter comunitário, o canal passou a ser mais que meio de comunicação formal, tornando-se também uma forma de expressão com acesso popular. Atualmente, a emissora abriga uma Escola de Mídia Comunitária que, desde 2007, já formou mais de 5.000 estudantes de escolas públicas, oferecendo formação em Jornalismo e Audiovisual, além de oficinas de produção televisiva em estúdios para crianças, adolescentes, jovens e adultos, garantindo acesso público à comunicação. Através da Escola de Mídia Comunitária já beneficiou, direta ou indiretamente, mais de cinco mil pessoas. Em 2009, foi reconhecida como Pontão de Cultura, uma parceria com o Ministério da Cultura. Realiza uma Comunicação contra Hegemônica de bases populares, oferecendo uma importante alternativa de informação para toda a população. Foi uma das primeiras a serem criadas com base na Lei do Cabo de 1995, que possibilitou a criação de canais comunitários para a distribuição obrigatória e gratuita de conteúdo. A emissora se destacou por preencher lacunas deixadas por outras iniciativas, oferecendo uma plataforma para entidades não governamentais e sem fins lucrativos. A TV é transmitida pelo canal 12 da NET e disponibiliza sua programação também no Instagram, Facebook e YouTube. Com 7.300 inscritos no YouTube, mais de 1.600 vídeos disponíveis e 38.000 seguidores no Facebook, a emissora alcança uma vasta audiência. Fonte: <https://www.brasildefato.com.br/2024/08/13/tv-comunitaria-de-brasilia-completa-27-anos-como-ponto-de-resistencia-da-comunicacao-popular/> Acessado em 23 de outubro de 2025.

<sup>6</sup> Os programas encontram-se disponíveis no canal: [https://www.youtube.com/@expertise\\_arte\\_cultura](https://www.youtube.com/@expertise_arte_cultura) bem como no canal da própria TV Comunitária de Brasília no Youtube.

<sup>7</sup> Disponíveis em: <https://open.spotify.com/show/62uQ5XfdInmOLAQkj3rFX1?si=c36b170b2ca04870> ou perfil “Expertise Arte e Cultura”.

aristocrática (posteriormente, da classe dominante) propagados pelas linguagens artísticas, os desdobramentos no campo do pensamento e da política, além da transição do regime aristocrático para o alvorecer da democracia; a vitória de uma determinada tradição desde tempos recuados – a tradição Metafísica; as relações Grécia e África, da qual a primeira é grande tributária, a partir das abordagens decoloniais, que vêm superando o *apagamento* da grandeza africana para a consolidação do que hoje chamamos de “Ocidente”, foram as principais contribuições do especialista. Uma série de vocábulos que persistem até os dias de hoje, a presença dos conflitos políticos no palco ático, a complexidade da divindade Dionísio, o “deus da alteridade” e a emergência da ficção, entre outros detalhes; e ainda sobre a posição de Latinoamérica “à margem” da identidade europeia, as diferentes apropriações políticas do passado e manipulações, foram demoradamente explicados em 1h06min de programa.

O primeiro episódio encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OesKO6cSOaY&t=126s> (canal do projeto), onde teve 87 (oitenta e sete) visualizações; e em <https://www.youtube.com/watch?v=40eIxM7tLUU&t=183s> (canal da TV Comunitária), onde contou com 433 (quatrocentas e trinta e três) visualizações.

No Instagram, o simples anúncio do programa em uma publicação com *card* e texto, realizada antes da estreia da entrevista, somou 105 (cento e cinco) “curtidas”, além de 12 (doze) comentários. O *reels* publicado após o lançamento do episódio (que é o mesmo publicado no Tik Tok) somou 156 (cento e cinquenta e seis) curtidas, além de 21 (vinte e um) comentários. Na rede social Tik Tok, o *reels* do episódio alcançou a espantosa quantidade de 27.500 (vinte e sete mil e quinhentas) visualizações, além de 25 (vinte e cinco) curtidas. Último acesso em 19 de dezembro de 2025, por ocasião da revisão deste trabalho, às 17h.

- **Luciana Lara**

A artista da dança contemporânea, coreógrafa e diretora da Anti Status Quo Companhia de Dança, um dos mais reconhecidos grupos artísticos de Brasília e do Centro-Oeste do Brasil, foi a convidada do segundo episódio. Mestre pela Universidade de Brasília (UnB), com Especialização no Laban Centre em

Londres, Inglaterra, e Licenciada em Artes Cênicas pela Faculdade de Artes Dulcina de Moraes, desenvolve trabalho que se distingue pela experimentação e pesquisa de linguagem na Dança, dramaturgias críticas e forte diálogo com as artes visuais, além da investigação sobre a relação do corpo com a cidade desde 2003. Suas principais atuações consistem na abordagem trans/indisciplinar, em conceitos expandidos de dança, nos processos criativos, dramaturgia, relação com o público e novos suportes e formatos. Escreveu e coreografou o livro *Arqueologia de um Processo Criativo - Um livro Coreográfico* (2010).

A partir de sua ampla experiência, discorreu sobre o experimentalismo que caracteriza a dança contemporânea; a independência da dança contemporânea em relação a um ritmo musical e, não raro, até em relação à própria música; sobre o contraste entre as danças populares e o lazer cotidiano e as relações do público com a dança enquanto linguagem artística; os códigos em artes; as inquietações de cada artista; o paradoxo entre *sinestesia* (sentido do movimento) e a *interpretação* da/na dança; a não-necessidade de *letramento* em dança; as grandes questões humanas e a *tradução* estética; sobre o condicionamento e repressão do corpo; a ausência de políticas públicas que garantam a criação e produção artística e de conhecimento de maneira regular; dentre outros pormenores.

O episódio encontra-se disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OzbaapUH67w> (canal do projeto), onde obteve 48 (quarenta e oito) visualizações; e em <https://www.youtube.com/watch?v=7N37vTF-DVQ&t=34s> (canal da TV Comunitária), onde alcançou 83 (oitenta e três) visualizações.

No Instagram, a divulgação que antecede a entrevista por meio de *card* e texto atraiu 138 (cento e trinta e oito) curtidas e 11 (onze) comentários e o *reels* publicado após o lançamento atraiu 171 (cento e setenta e uma) curtidas (o que pressupõe um número superior de visualizações), além de 54 (cinquenta e quatro) comentários. Na rede Tik Tok, o *reels* de divulgação conta com 150 (cento e cinquenta) visualizações, mais 10 (dez) curtidas; Último acesso em 19 de dezembro de 2025, às 17h29.

- **Circo Teatro Udigrudi**

Fundado em Brasília em 1982, é um dos mais antigos grupos de circo-teatro contemporâneo do Brasil. O Udigrudi norteia seu trabalho pela investigação e criação de espetáculos originais e, ao longo dos anos, tem desenvolvido uma linguagem própria baseada no *clown*, no teatro experimental e na música. Os *clowns* tocam e cantam, os cenários viram instrumentos, e a dramaturgia é baseada na imagem e na sonosfera. Materiais reciclados e inusitados são aproveitados como matéria prima na criação de instrumentos musicais originais. Os espetáculos já levaram o Udigrudi para Alemanha, Argentina, Bélgica, Bolívia, Canadá, China, Cuba, Dinamarca, Escócia, Espanha, Estados Unidos, Irlanda, Itália, México e Suíça, além de 16 estados brasileiros.

Com a presença de sua diretora, Leo Sykes, além dos multiartistas Luciano Porto e Marcio Vieira, o coletivo discorreu sobre o tema do circo na atualidade, da memória das artes do Distrito Federal, do virtuosismo de muitos artistas em diferentes linguagens da capital federal, a experiência internacional, os fundamentos do humor na contemporaneidade, dentre outros temas.

O episódio se encontra disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=02J8q0Jn-HI&t=120s> (canal do projeto), onde contou com 65 (sessenta e cinco) visualizações; e em <https://www.youtube.com/watch?v=XeXrwmbJouI&t=447s> (canal da TV Comunitária), onde obteve 116 (cento e dezesseis) visualizações, além de 4 (quatro) comentários.

No Instagram, a divulgação do episódio teve 114 (cento e quatorze) curtidas e 9 (nove) comentários. O *reels* da entrevista do grupo no Instagram alcançou 91 (noventa e uma) curtidas e 8 (oito) comentários, enquanto no No Tik Tok, o *reels* do encontro atraiu 319 (trezentas e dezenove) visualizações e 01 (um) comentário. Últimos acessos em 19 de dezembro de 2025, às 17h41.

- **Elizângela Carrijo**

Doutora em Comunicação pela UnB, Mestra em História Cultural e graduada em História (Bacharelado e Licenciatura) pela mesma Universidade, em 2010 tornou-se professora permanente da Universidade de Brasília, no curso de graduação em Museologia (FCI/UnB), ocupando atualmente o cargo de coordenadora do curso

(2020-2022). Em 2020, foi credenciada como professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas (PPG-CEN/UnB), para orientar pesquisas de Mestrado. Trabalhou por mais de dez anos na empresa S/A Jornal Correio Braziliense, coordenando pesquisas e atividades de tratamento e gestão nos acervos textuais e fotográficos do Centro de Documentação; desde 2010 é pesquisadora no Grupo Museologia, Patrimônio e Memória (CNPq/FCI/UnB) e no Núcleo de Estudos da Cultura, Oralidade, Imagem e Memória (Necoim/CEAM/UnB). Com experiência multidisciplinar em história, comunicação, museologia e artes cênicas, com ênfase em teatro do DF, metodologia, história oral, documentação e acervo, a pesquisadora e autora debruçou-se sobre a extensa pesquisa feita sobre o Teatro de Brasília a partir dos registros nos dois principais jornais impressos da cidade: Correio Braziliense e Jornal de Brasília, do lançamento de cada um até dezembro de 1999. A pesquisa trouxe dados surpreendentes para a memória das artes da capital federal.

O quarto episódio encontra-se disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=oZntUV0PnRs&t=14s> (canal do programa), onde obteve 31 (trinta e uma) visualizações. No Instagram, a divulgação anterior ao lançamento, com *card* e texto, somou 71 (setenta e uma) curtidas e mais 9 (nove) comentários; o *reels* nessa rede alcançou 262 (duzentas e sessenta e duas) curtidas e 10 (dez) comentários. No Tik Tok, o *reels* do episódio alcançou 455 (quatrocentas e cinquenta e cinco) visualizações, 32 (trinta e duas) curtidas e 3 (três) comentários. Último acesso em 19 de dezembro de 2025, às 17h47.

- **Humberto Pedrancini**

Ator, diretor, professor e produtor cultural, está habituado a formar, desde os anos 1970, talentos das artes cênicas brasileiras, sobretudo no Distrito Federal, por meio da Faculdade de Artes Dulcina de Moraes e de sua própria Escola de Atores. Estabeleceu-se em Brasília a partir de 1972, onde fundou dois grupos teatrais bastante atuantes na capital: “Celeiro das Antas” e “O Hierofante Companhia de Teatro”. Com eles dirigiu uma série de espetáculos icônicos como O Primeiro Milagre, Dois Perdidos Numa Noite Suja (Plínio Marcos, 1966), A Voz Humana (Jean Cocteau), Moby Dick (adaptação do romance de Herman Melville, 1851), Tudo Trriimm (autoria do grupo), Brasília de Pedra e Flor (autoria do grupo) e O

Auto da Camisinha (José Mapurunga), esta última montagem com a qual o grupo ‘O Hierofante Cia de Teatro’ foi para os EUA.

O veterano artista, um dos grandes nomes do teatro de Brasília, revisitou o período de repressão política no país e o papel desempenhado pelo Teatro como arte e como espaço de resistência, para convivência de todos que cultivavam o anseio de liberdade; discorrer sobre os primórdios do teatro na capital; entre outros temas.

A quinta entrevista encontra-se disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=DQW6LhKj2EU&t=259s> (canal da TV Comunitária, onde alcançou 109 (cento e nove) visualizações mais um comentário; e em <https://www.youtube.com/watch?v=2n6tzCe4fus&t=18s> (canal do projeto), onde angariou 54 (cinquenta e quatro) visualizações.

No Instagram, a divulgação com *card* e texto obteve 69 (sessenta e nove) curtidas e 10 (dez) comentários; o *reels* veiculado após o lançamento chegou a 441 (quatrocentas e quarenta e uma) curtidas e 44 (quarenta e quatro) comentários. No Tik Tok, o *reels* correspondente alcançou 393 (trezentas e noventa e três) visualizações, 34 (trinta e quatro) curtidas e 01 (um) comentário de *emojis*. Último acesso em 19 de dezembro de 2025, às 17h50.

- **Rita de Almeida Castro**

Atriz, diretora teatral, performer e pesquisadora, Doutora em Antropologia Social pela Universidade de São Paulo (2005), com mestrado em Antropologia Social pela Universidade de Brasília (1992) e graduação em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia e Sociologia pela Universidade de Brasília (1988), professora do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília desde 1995, na graduação e em seu programa de pós-graduação. Tem experiência na área de Antropologia e Artes, com ênfase no trabalho do ator teatral. Publicou o livro *Ser em cena. Flor ao vento. Etnografia de olhares híbridos*, trouxe à entrevista os desafios da formação em Artes na atualidade.

A partir de seu *locus* privilegiado, a docente e artista explanou demoradamente sobre a formação acadêmica atualmente, na assimilação de saberes ancestrais na Academia, dentre outros temas.

O sexto encontro pode ser assistido em <https://www.youtube.com/watch?v=hGVkxC5a9gI&t=5s> (canal do projeto), onde obteve 24 (vinte e quatro) visualizações; e em [https://www.youtube.com/watch?v=O\\_Z2DB4avZY&t=631s](https://www.youtube.com/watch?v=O_Z2DB4avZY&t=631s) (canal da TV Comunitária), onde alcançou 103 (cento e três) visualizações e um comentário.

No Instagram, a divulgação da entrevista por meio de card e texto obteve 106 (cento e seis) curtidas e 14 (quatorze) comentários; o *reels* publicado posteriormente, 429 (quatrocentas e vinte e nove) curtidas e 6 (seis) comentários. No Tik Tok, o *reels* correspondente alcançou 204 (duzentas e quatro) visualizações, com 19 (dezenove). Último acesso, em 19 de dezembro de 2025, às 18h37.

- **Lenora Lobo**

Graduada em Arquitetura pela Universidade Santa Úrsula (Rio de Janeiro) e especializada em Dança pelo Laban Center for Movement and Dance, na London University (Londres), e no Centre International de Danse (Paris, França), estudou com Klauss e Angel Vianna, além de Carlos Afonso e Graciela Figueiroa. Tornou-se assistente de Klauss Vianna quando o professor dirigia a “Oficina para Atores”, do Centro Cultural São Paulo, onde também atuou como programadora de Dança de 1983 a 1986. De 1987 a 1989, residindo em Brasília, começou a organizar e ministrar cursos livres iniciando a formação de artistas, além de desenvolver a criação e apresentação de seus solos e, em 1990, inaugurou o “Estúdio Alaya Arte do Movimento”, espaço onde foi fundada a “Cia Alaya Dança”. De 1993 a 1998, foi pesquisadora associada do Departamento de Artes Cênicas do Instituto de Artes da Universidade de Brasília - UnB, onde além de ministrar aulas de “Corpo e Movimento” e “Expressão Corporal”, orientou pesquisas de grupos, como “Arte do Movimento - Fronteira Entre a Dança e o Teatro” (PIBIC/UNB/1996-97). Colaborou, ainda, na reforma dos conteúdos programáticos das disciplinas de “Corpo e Movimento” e “Expressão Corporal”, e na reforma do currículo de

bacharelado em Artes Cênicas. Autora do método “Teatro do Movimento”, ministrou vários cursos dirigidos a professores de artes cênicas e educação física através do CESPE/UnB. Em 2003, a consolidação de seu método foi sistematizado por ela e Cássia Navas no livro *Teatro do Movimento - um método para o intérprete criador*, quando então foi indicada ao “Prêmio Multicultural Estadão”, um dos maiores reconhecimentos a nível nacional de criadores e fomentadores culturais. Em 2008 publicou seu segundo livro, *Arte da Composição*, pela LGE Editora, também em parceria com Cássia Navas. Em 2011 produziu o DVD *Teatro do Movimento*, em complemento à sistematização do método.

A convidada discorreu sobre as dificuldades ainda existentes no tocante à formação em dança no país, não só para aquelas(es) que desejam tomá-la por profissão, mas também para estudantes, jovens e adultos, de cuja formação a linguagem deveria ter presença mais pronunciada; sobre a memória das realizações artísticas brasileiras; sobre a defasagem de tempo, nos dias atuais, para a consistente formação de um corpo – a necessidade não só de tempo, mas também de repetição, presença, contato com professores, vivência, por exemplo.

Falou ainda sobre a diferença entre profissionais que têm condições de dedicar-se diariamente ao trabalho físico e aquelas que podem ensaiar apenas duas vezes por semana, por exemplo; a crise da falta de tempo até mesmo na universidade, onde se precisa “ensinar mais rápido”, quando o corpo não se apropria genuinamente do processo. A coreógrafa apontou os desafios da *urgência* que caracteriza os modos de se estar no mundo, hoje; a mediação das telas; sobre a perda de artistas que vêm abandonando e a falta de remuneração – e, por consequência, de dignidade –, dos profissionais da dança, sobrevivendo apenas os corpos estatais de baile. O traço familiar de algumas cias de dança mais longevas, como o Grupo Corpo; a insuficiência dos editais de patrocínio; a alfabetização estética e a relação das artes com a escola; o não-reconhecimento da dança como área de conhecimento; e mais questões.

A sétima entrevista está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=JRpCSkA-8Zg&t=269s> (canal da TV Comunitária), onde contou com 36 (trinta e seis) visualizações; e em

<https://www.youtube.com/watch?v=BI0OnweLKHM&t=49s> (canal do projeto), onde alcançou 200 (duzentas) visualizações.

No Instagram, a divulgação do episódio, feita com *card* e texto, logrou 104 (cento e quatro) curtidas e 13 (treze) comentários; o *reels*, posterior, conquistou 388 (trezentas e oitenta e oito) curtidas e 13 (treze) comentários. No Tik Tok, o *reels* correspondente chegou ao número de 176 (cento e setenta e seis) visualizações e 14 (quatorze) curtidas. Último acesso em 23 de novembro de 2025, às 18h26.

- **Cia de Comédia Os Melhores do Mundo**

Nascida em 1995, quando o grupo “A Culpa É da Mãe” (1991-1995) se desfez, o coletivo reúne os fundadores Adriana Nunes, Ricardo Pipo e Welder Rodrigues a Adriano Siri, Jovane Nunes e Victor Leal. Em 2000 o grupo se muda para o Rio de Janeiro e seus componentes fazem trabalhos na televisão, principalmente em programas da Rede Globo, como *Casseta e Planeta*, *Zorra Total*, *Malhação* e *Linha Direta*. Essas colaborações impulsionaram a visibilidade nacional e ampliaram o êxito comercial da companhia que, desde a primeira montagem, trabalha com improviso, humor e inserção de *cacos*, compondo uma imagem bem planejada de irreverência nas várias peças mantidas em repertório, como *Hermanoteu na Terra de Godah* (1995), *Sexo - A Comédia* (1996), *Notícias Populares* (1997) ou *Dingou Béus* (1998).

Todos os espetáculos são elaborados a partir da criação coletiva e trazem diálogos com elementos prosaicos e de senso comum difundidos pela cultura de massa. Em 2000, a remontagem de *Hermanoteu na Terra de Godah* contou com a parceria do humorista Chico Anysio no papel de Deus, em gravação *off*. Após apresentar o personagem Joseph Klimber, do espetáculo *Notícias Populares*, em programa televisivo de entrevistas em 2006, o vídeo ganhou projeção nacional como um dos mais acessados da internet. O grupo é considerado impulsionador de várias companhias de besteirol da capital federal.

Os integrantes Jovane Nunes e Victor Leal compareceram ao estúdio para discutir sobre o trabalho em grupo no teatro, o sucesso nos teatros e na televisão, o pioneirismo na internet, viagens e apresentações internacionais, projetos sociais, inovação na linguagem do humor, a experiência na maior emissora televisiva do

país como roteiristas de inúmeros programas, momentos históricos protagonizados pela cia no Teatro Nacional Cláudio Santoro, a realização de filmes e seriados e mais temas, sempre municiados de um humor imbatível.

O oitavo e último episódio do *podcast* está disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=kXzsIxeDnQ0> (canal do projeto), onde conta com 18 (dezoito) visualizações; e em <https://www.youtube.com/watch?v=99q8AIVwudI&t=2428s> (canal da TV Comunitária de Brasília), onde conta com 33 (trinta e três) visualizações.

No Instagram, a divulgação do mesmo, por meio de *card* e texto, alcançou 70 (setenta) curtidas e 01 (um) comentário; o *reels* correspondente, 171 (cento e setenta e uma) curtidas e 02 (dois) comentários. No Tik Tok, o mesmo *reels* somou 337 (trezentas e trinta e sete) visualizações, 21 (vinte e uma) curtidas e 02 (dois) comentários. Último acesso em 19 de dezembro de 2025, às 20h33, por ocasião da revisão do presente artigo.

Assim, o *Expertise* como produção audiovisual garantiu um breve panorama sobre as linguagens e o equilíbrio entre teoria e prática, ouvindo artistas e pesquisadoras(es) em profundidade. Os oito episódios tiveram estreia entre junho e julho de 2025, e encontram-se até hoje disponíveis nas plataformas digitais, nos endereços indicados.

Os dados foram tabelados para melhor apreensão pelas(os) leitoras(es):

Entrevistadas(os) / Reações do Público em cada espaço	Curtidas na publicação de divulgação do Episódio no Instagram (Card e Texto)	Comentários na publicação de divulgação do Episódio no Instagram (Card e Texto)	Visualizações do Episódio no Canal de Youtube da TV Comunitária	Visualizações do Episódio no Canal de Youtube do Projeto	Curtidas no Reels da entrevista no Instagram	Comentários no Reels da entrevista no Instagram	Visualizações do Reels da entrevista no Tik Tok	Curtidas no Reels da entrevista no Tik Tok
EP 1: Prof. Dr. José Otávio Nogueira Guimarães, Historiador	105	12	433 + 12 comentários	87	156	21	27,5 mil	25
EP 2: Coreógrafa e Pesquisadora Luciana Lara, artista da Dança Contemporânea	138	11	83 + 2 comentários	48	171	54	150	10
EP 3: Circo Teatro Udi Grudi	114	9	116 + 4 comentários	65 + 1 comentário	91	8	319	1 + 3 salvamentos
EP 4: Profª Dra. Elizângela Carrijo, Historiadora	71	9	---	31	262	10	455	32 + 3 comentários + 3 salvamentos
EP 5: Diretor e Ator de Teatro Humberto Pedrañcini	69	10	109 + 1 comentário	54	441	44	399	34 + 1 comentário

Tabela 1: Dados quantitativos de Acessos e Reações a cada Episódio

Tabela de Visualizações, Comentários e Curtidas de cada Episódio

Entrevistadas(os) / Reações do Público em cada espaço	Curtidas na publicação de divulgação do Episódio no Instagram (Card e Texto)	Comentários na publicação de divulgação do Episódio no Instagram (Card e Texto)	Visualizações do Episódio no Canal de Youtube da TV Comunitária	Visualizações do Episódio no Canal de Youtube do Projeto	Curtidas no Reels da entrevista no Instagram	Comentários no Reels da entrevista no Instagram	Visualizações do Reels da entrevista no Tik Tok	Curtidas no Reels da entrevista no Tik Tok
EP 6: Profa Dra Rita de Almeida Castro, <i>performer</i> , artista cênica e autora	106	16	103 + 1 comentário	24	429	6	204	19
EP 7: Coreógrafa, Docente e Autora Lenora Lobo, artista da Dança Contemporânea	104	13	36	200	388	13	177	14
Cia de Comédia Os Melhores do Mundo (Jovane Nunes e Victor Leal)	70	01	33	18	171	02	337 + 2 comentários	21

Tabela 2: Dados quantitativos de Acessos e Reações a cada Episódio

#### 4. RESULTADOS

Deslocando para o cotidiano da população do Distrito Federal a qualidade de discussões e saberes até então restritos a Universidades, aos círculos de especialistas e eruditos, às instituições de pesquisa e/ou à vivência de artistas experimentais e artistas populares, o *podcast Expertise* procurou democratizar o conhecimento, as artes e as diversificadas manifestações culturais, as ciências e técnicas, em seus aspectos estéticos, sociológicos, filosóficos, políticos, dentre outros, de maneira a tornar tais temas familiares a qualquer pessoa interessada.

O principal compromisso foi com a formação da população local e com a memória da produção de artistas e pesquisadoras(es), contribuindo para a difusão do conhecimento e alfabetização estética de um público amplo, propiciando *letramento* científico, acadêmico e estético por meio da melhor aproximação e compreensão dos temas, ao mesmo tempo em que garantia um registro histórico de nomes de relevo da capital do País.

Tendo em vista a importância da cultura na produção de interterritorialidades que consolidam imaginários, representações, pertencimentos e valores, a preservação da memória para futuras práticas e (re)construções coletivas, sem perder de vista apropriações e ressignificações inevitáveis, o programa *Expertise* original contribuiu para um mapeamento de parte da *intelligentsia* da capital do País, protegendo para as novas gerações as vozes do saber e do fazer cultural que as antecederam; e o atual *podcast* revisitou alguns desses nomes, alargando suas contribuições.

A partir dos comentários verificados principalmente nas redes sociais, podemos inferir uma recepção que confirma o caráter educativo do *podcast Expertise*. Registros feitos no Instagram documentaram manifestações como: “conteúdo com qualidade”, “aprendizados”, “especialização”, “erudição”. Transcrevendo os que mais chamaram a atenção, observou-se as seguintes reações: “Parabéns aos dois e obrigada pelo papo inteligente. Conteúdo com qualidade” (Elizângela Carrijo, docente da UnB, que viria a ser entrevistada posteriormente, em comentário deixado em 11 de junho do corrente ano).

Pouco abaixo lê-se o seguinte comentário: “A Sheila trazendo sua especialização ao debate, que coisa linda!!!” (Marina Gregorutti Luz, atriz, no dia 12 de junho de 2025). O poeta de Brasília Paulo Dagomeh, por sua vez, acrescentou: “Só a pergunta já me deixou tonto. Quanta erudição!!!”, também em 11 de junho do corrente ano. No Tik Tok, apesar

de não se verificar nenhum comentário, esse mesmo *reels*, do primeiro episódio, foi salvo por 3 (três) pessoas.

No tocante à segunda entrevista, um dos comentários revelava: “Eu fui capturadaaaaaaaaaa, quero aprender dança contemporânea” (Carla Veronica F.C., na data de 5 de agosto do corrente ano); outro comentário, do usuário @teatromariepadille, afirmava ser a entrevistada a “melhor professora do mundo” (14 de junho de 2025). No *reels* do episódio, ainda no Instagram, Diego dos Santos, usuário @diego\_lovedance, denota a entrevistada como “referência demais” (19 de junho). Na sequência, novamente o usuário @teatromariepadille registrou: “aulão” (em 20 de junho); e o comentário de outra coreógrafa, Lenora Lobo, usuária @alayadanca, exclama: “Que questões boas” (26 de julho de 2025).

A divulgação do terceiro episódio no Instagram, do Circo Teatro Udigrudi, traz o primeiro comentário mais extenso verificado:

Os primeiros a utilizarem todos os cenários artístico/cultural/musical da criatividade e poesia, as Barons, garrafas pressurizadas afinadas em notas musicais. Grande referência pra mim! Gratidão e parabéns a todos os participantes desse grupo e projeto lindo<sup>8</sup>.

Registrado por Nadia Caramaschi, usuária @estripuliamusical, em 22 de junho do presente ano. No Youtube, a atriz e diretora teatral Lidiane Araújo comentou sobre essa entrevista: “O retorno desse programa é tudo o que precisamos<sup>9</sup>” (julho de 2025).

Já o *reels* do quinto episódio, no Instagram, traz a manifestação de um espectador que é também artista da cidade, o ator cômico Hugo Leonardo. Confessa ele: “Me inscrevi no canal e virou uma ‘bolha’ de proteção para mim... Lugar de fruição delícia!!!<sup>10</sup>” (11 de julho de 2025). O convidado é identificado pelo bonequeiro Marco Augusto de Rezende, criador da Voar Cia de Bonecos e atuante há mais de 30 anos no DF, usuário @marcoderezende, como uma “grande referência”. A iluminadora de espetáculos teatrais e shows musicais, Zizi Antunes, exclama: “Incríveis” (11 de julho de 2025); o usuário Everardo de Aguiar comentou, acerca do conteúdo: “a criatividade [a]tormenta os

---

<sup>8</sup> Disponível em: [https://www.instagram.com/p/DLHwRvPOR\\_y/](https://www.instagram.com/p/DLHwRvPOR_y/) Acessado em 23 de novembro de 2025, às 20h40.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XeXrwmBJouI&lc=UgzTBPJTU91IXKWOCXN4AaABAq>

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DL7Nlk1OUD4/>. Acessado em 23 de novembro de 2025, às 20h46.

ditadores” (na mesma data), e Jerson Fontana lembrou: “CONFENATA! Essa era a entidade nacional de Teatro”, em 12 de julho do corrente ano. A arte educadora Melissa Naves exclamou: “Que arraso!” (16 de julho). Allice Bombom, importante artista transformista do DF e comunicadora na JK FM, registrou: “Dois grandes em cena!!!” (16 de julho de 2025). Por fim, a iluminadora cênica Ana Queiroz Frederico, usuária @ana.queiroz.teatro, comenta: “Meu Mestre”, em 15 de julho de 2025.

Quanto ao sexto encontro, deparamos com a exclamação do artista cômico Hugo Leonardo de Araújo: “que fala importante da professora Rita<sup>11</sup>”, referindo-se à transformação que as cotas sociais operaram no perfil do corpo discente da Universidade de Brasília - UnB.

O sétimo encontro traz, no *reels* publicado no Instagram: “Gratidão Sheila, perguntas inteligentes e sensíveis como a[s] sua[s], nos impulsionam”, da própria entrevistada. Importa dizer que, nesse *reels*, a pesquisadora em Dança nacionalmente conhecida, Cassia Navas (que é citada pela entrevistada), comenta com *emojis* de aplausos<sup>12</sup>.

A fim de possibilitar melhor visualização acerca das reações provocadas nos ouvintes pelos episódios, foi confeccionada uma *nuvem de palavras*, uma representação visual que demonstra a frequência de aparição de cada palavra em determinados textos. Percebe-se que a maioria dos comentários têm caráter de incentivo, de comemoração pela volta do programa e/ou de parabenização pelo projeto. Em menor escala, como confirmam as transcrições em texto junto a cada episódio, referências às(aos) entrevistadas(os) e/ou aos conteúdos trazidos por estes:

---

<sup>11</sup> Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DMNfcx-OkUp/> Acessado em 23 de novembro de 2025, às 20h53.

<sup>12</sup> Os três comentários estão disponíveis em: <https://www.instagram.com/p/DMh95mhuqTh/> Acessado em 23 de novembro de 2025, às 20h57.

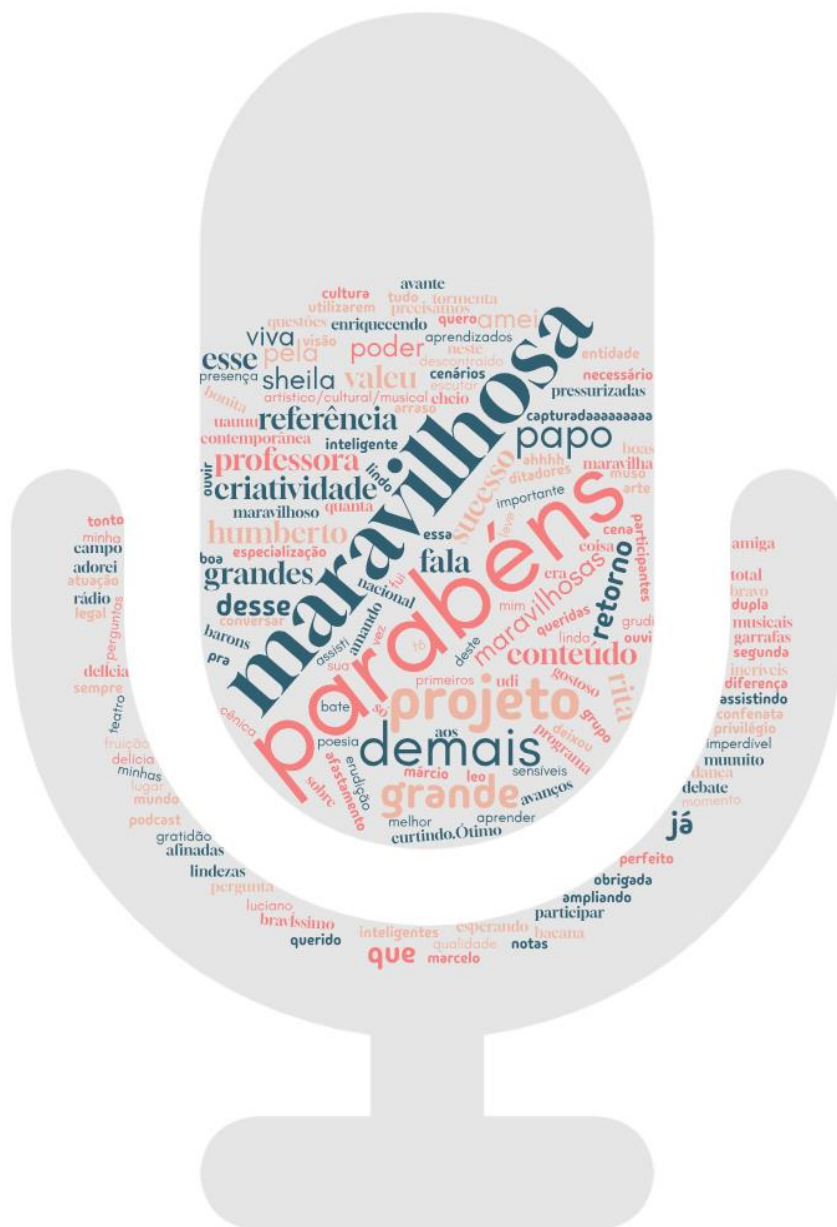


Figura 2: Nuvem de palavras criada a partir dos comentários deixados nas plataformas Instagram e Youtube. Último acesso em 17.novembro.2025.

Em sua temporada anterior, de 2011 a 2016, o programa mobilizou comentários elogiosos e pedidos de cópias dos programas nas redes sociais, como exemplificam as fotos (*prints* das páginas sociais) a seguir:



Figura 3: Print de comentário de ouvinte sobre o programa Expertise quando de sua veiculação na Rádio Cultura FM de Brasília.

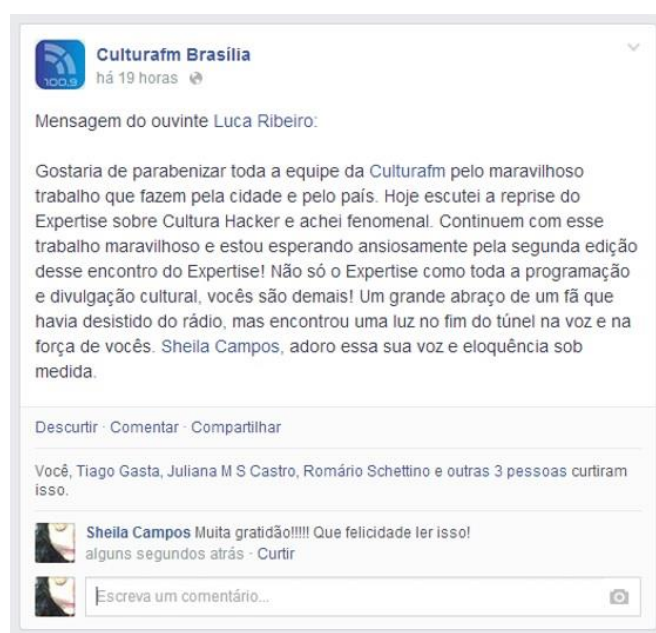


Figura 4: Print de publicações de ouvintes sobre o programa Expertise quando de sua veiculação na Rádio Cultura FM de Brasília.

Os comentários da fase anterior contrastam com os coletados em 2025. Importante registrar que a descontinuidade do programa na grade da Rádio Cultura FM, por imposição do novo Diretor que assumira<sup>13</sup>, teve como consequências a interrupção da comunicação que começava a se tornar regular entre os ouvintes, que faziam apreciações mais específicas e atentas quanto ao que ouviam, e as páginas tanto da Rádio Cultura quanto do *Expertise*. Sua retirada do ar significou não só a tradução, de maneira mais acessível, de temas, conceitos e práticas complexas, compartilhados por cada

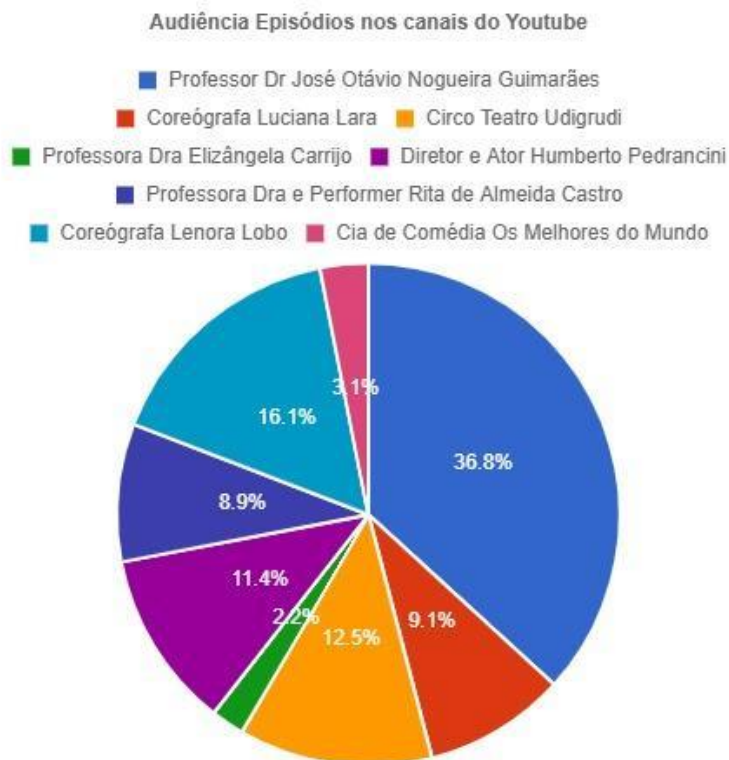
<sup>13</sup> Outro programa de entrevistas de suma importância à época, *Café com Letras*, da jornalista Juliana de Castro Medeiros, que entrevistava escritores(as) do DF e da América Latina, além de dar visibilidade à música do continente, foi também atingido pela abrupta mudança editorial da emissora.

convidada(o), mas também a apreciação destes por um público amplo que acostumava-se não só aos conteúdos, como acostumava-se a debatê-los via redes sociais (Figura 5).



Figura 5: Comentários de ouvintes diversos sobre o programa radiofônico Expertise.

Procurei também demonstrar a quantidade de visualizações dos episódios, em ambos os canais do Youtube em que se encontram disponíveis (TV Comunitária e no canal do próprio projeto), em termos percentuais (Gráfico 1).

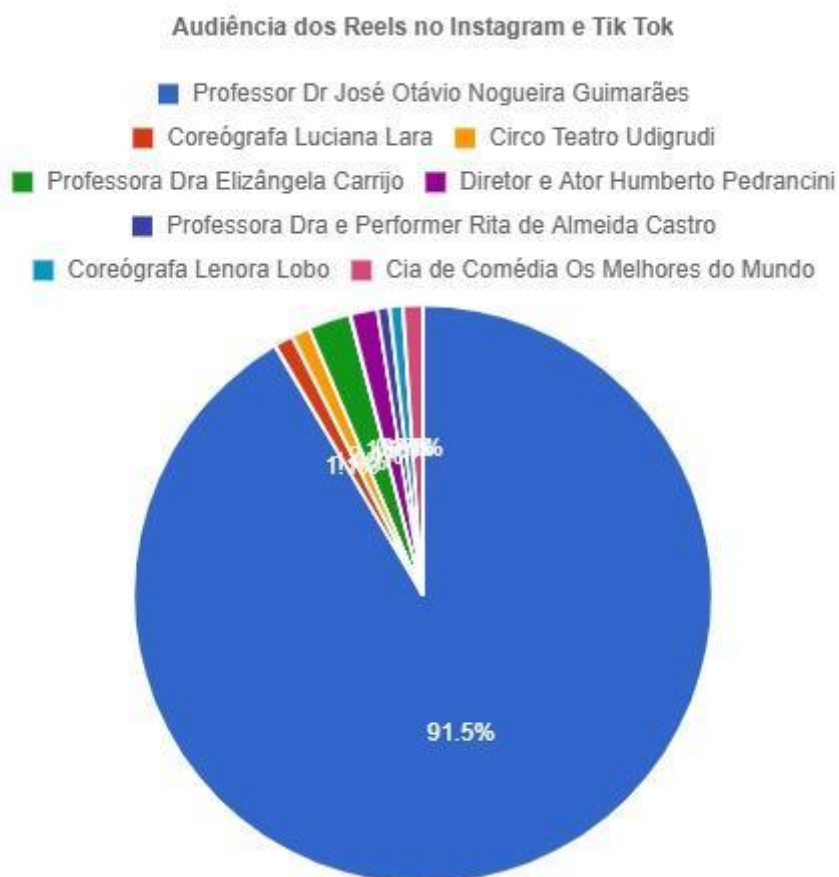


*Gráfico 1: Quantidade de visualizações dos episódios. Último acesso em 17.novembro.2025.*

As quantidades não levam em consideração a audiência ao vivo obtida pela TV Comunitária de Brasília no momento da transmissão pelo canal 12 da NET, da mesma maneira que não consegue quantificar a audiência da entrevista em sua veiculação ao vivo na Rádio Cultura FM de Brasília. Também não foi aferida a audiência no Spotify.

Vê-se que o maior número de visualizações foi alcançado pelo episódio de estreia do projeto, do helenista José Otávio Nogueira Guimarães, com 36% de adesão de todo o público. O segundo episódio mais assistido foi o sétimo da série, que recebeu a coreógrafa Lenora Lobo, uma mobilização que certamente foi alcançada pelos interessados no tema, ou seja: dançarinos, estudantes de dança, grupos constituídos e estudiosos da dança da cidade e de fora do DF, em torno de um dos mais antigos e importantes nomes locais dessa linguagem. Por fim, o terceiro episódio mais visualizado foi o do Circo Teatro Udigrudi, terceira entrevista da série, podendo a grande adesão ser devida, principalmente, à importante e longeva trajetória do grupo nas Artes do Distrito Federal. Quase empatando com eles, o também veterano das Artes da capital, o diretor e ator Humberto Pedrancini, há mais de cinco décadas conhecido pelo público.

Outra percepção interessante diz respeito às visualizações dos *reels* das(os) entrevistadas(os) (Gráfico 2). Somando as quantidades alcançadas no Instagram e no Tik Tok, chegamos aos seguintes percentuais:



*Gráfico 2: Visualizações dos reels das(os) entrevistadas(os) em ambas as redes sociais. Último acesso em 17.novembro.2025*

Novamente: talvez por se tratar do primeiro episódio, estreia do projeto, as visualizações do recorte da primeira conversa extrapolaram em muito os números seguintes.

Por fim, procurou-se representar visualmente, as quantidades de “curtidas” em *reels* publicados nas duas redes sociais, visto que, na “sociedade do cansaço” e em tempos de aceleração, acredita-se que vídeos curtos, como textos curtos, são capazes de atrair mais a atenção dos mais jovens (Gráfico 3):

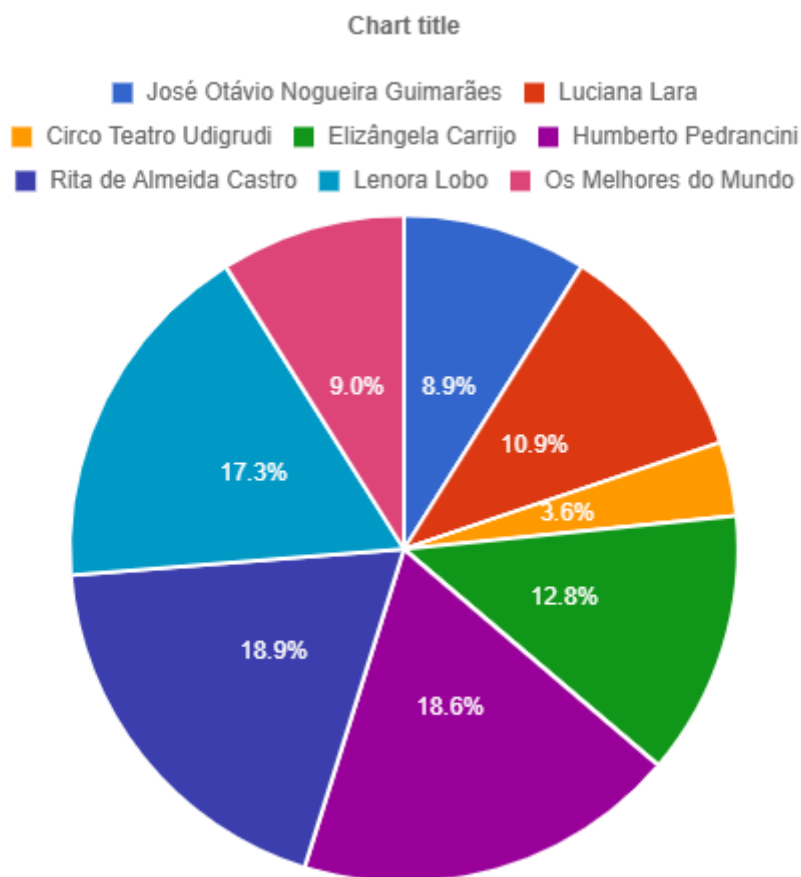


Gráfico 3: Percentual de “curtidas” de cada entrevistada(o), somando-se o total nas duas redes sociais. Último acesso em 17.novembro.2025.

Em 2023, procurei converter as entrevistas gravadas em livros, que seriam distribuídos a Universidades, Faculdades e Bibliotecas do DF gratuitamente, apresentando para tanto um projeto cultural ao edital do FAC - Fundo de Apoio à Cultura da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do DF - o mesmo que aprovou a realização do *podcast*, aprovando o projeto deste em 2024. Infelizmente, naquele ano o(a) parecerista julgou que, por não serem “inéditas” (uma vez que já veiculadas na Rádio), as entrevistas não “despertariam qualquer interesse”. O parecer demonstrou grande desconhecimento da interface meios de comunicação-educação.



Figura 6: Print de comentários de ouvintes sobre o programa radiofônico.

Inúmeros jornalistas publicaram em livro entrevistas realizadas ao longo da carreira, bem como os próprios veículos não raro publicam entrevistas reunidas em torno de determinados temas, ou personagens, etc., com apelo considerável para o grande público. O desejo de converter as entrevistas realizadas entre 2011 e 2016 ainda não cessou, e novos esforços serão empreendidos para tanto.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendendo o papel central da escola na formação cognitiva, científica, filosófica, artística e cidadã, denominada “educação formal”, e observando igualmente os grandes desafios enfrentados pela Educação brasileira, sobretudo a educação pública, em todo o

território nacional, pode-se considerar que

(...) Se a escola é o *sistema operacional* do aprendizado, a educação não-formal são os *apps* que ativam funções que o currículo raramente alcança (...). Não é sobre substituir a escola, mas sobre expandir o campo de jogo onde crianças, jovens e adultos praticam a vida real”<sup>14</sup>.

Desta feita, as iniciativas de educação não formal contribuem em infinitos aspectos não abrangidos pela escola, tanto no tocante às práticas, quanto aos aspectos teóricos e teórico-práticos.

Realizações via TICs - Tecnologias de Informação e Comunicação confirmam, há anos, sua vocação e capacidade educativa, desde a fundação da primeira emissora de rádio no Brasil aos dias atuais, pós advento das novas tecnologias e da rede mundial de computadores. A aceleração da comunicação transforma as formas de estar no mundo na contemporaneidade; a formação dos cidadãos e cidadãs necessitam acompanhar esta verdadeira revolução dos tempos.

Retornemos ao questionamento central deste texto: é possível ensinar/educar parte da população a partir de programas de rádio, programas de TV, vídeos no Youtube e de *podcasts*? Certamente! Perfis enumerados no início deste trabalho e muitos outros desenvolvem diversificadas iniciativas de educação não-formal em programas de TV, de rádio, e mais recentemente, no Youtube e nas redes sociais.

Por este motivo chegamos à conclusão de que, pela diversidade de alcance, tanto nas plataformas digitais como Spotify; na internet, via Youtube e redes sociais, como Instagram e Tik Tok; como também por fazer-se presente numa emissora convencional de rádio FM e em um canal de TV, o da TV Comunitária de Brasília; além da profundidade dos temas tratados de maneira acessível, didática e descontraída, o *podcast Expertise* pode ser compreendido como uma iniciativa de educação não-formal, compartilhando e ensinando a um espectro muito mais amplo da população não só a produção e os debates acadêmicos da atualidade, como também as pesquisas e questões de artistas que somam décadas de experiência, constituindo assim uma *paideia* que, desmistificando o saber, convida todos e todas ao conhecimento de forma democrática.

---

<sup>14</sup> Cartilha produzida pela Rede de Inovação e Transformação, sem autoria identificada, disponível em: <https://rit.org.br/alem-da-sala-de-aula-o-poder-transformador-da-educacao-nao-formal>. Último acesso em 27 nov. 2025.

Ansiando ampliar essas facetas, os próximos esforços se darão no sentido da publicação desses conteúdos; bem como por meio da comunicação científica (que este artigo pretende atender) em concomitância com a educação não-formal do maior número de pessoas possível, em campos que a escola não possa plenamente alcançar, complementando os vieses de aprofundamento que consolidem uma rica e crítica visão de mundo, atendendo às aspirações humanistas de pensadores e artistas de todos os tempos: o desenvolvimento pleno dos seres.

## REFERÊNCIAS

ANDRELO, Roseane. O Rádio a serviço da Educação Brasileira: uma história de nove décadas (2012). Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.47, p.139-153 Set.2012 - ISSN: 1676-2584. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/f8b46a85-09b3-41af-980d-4c3b782a572d/content> Acessado em 22 nov. 2025.

BEZERRA, Felipe; WATANABE, Graciella. A divulgação científica nas redes sociais: um panorama das plataformas e sua relação com os cientistas divulgadores (2025). Revista Ensino em Debate, Fortaleza, v. 5, p. e2025030, 2025. DOI: 10.21439/2965-6753.v5.e2025030. Disponível em: <https://revistarede.ifce.edu.br/ojs/index.php/rede/article/view/98> Acesso em: 27 nov. 2025.

BUENO, W. C. (2010). Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. *Informação & Informação*, 15 (1esp), 1–12. <https://doi.org/10.5433/1981-8920.2010v15n1esp1> Acesso em: 27 nov. 2025.

DOS SANTOS, A., ARAÚJO DA SILVA, Alexandre & BEZERRA, Yan Silveira. (2025). A Popularização da Ciência em Rede Social: um relato de experiência. *In* Revista Extensão, 9(4), 128-134. Recuperado de <https://revista.unitins.br/index.php/extensao/article/view/9750>

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 5a edição. São Paulo: Atlas, 1999.

GUIMARÃES NASCIMENTO, Carlos Eduardo. Rádio como Instrumento Educativo. Monografia de Conclusão de Graduação em Comunicação – UFBA, 2010. Disponível em:

<https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/27263/1/Radio%20Como%20Instrumento%20Educativo.pdf> Acessado em 08 nov. 2025.

OLIVEIRA, Antônio José Silva & ARAÚJO, Ana Lourdes Alves de. A Saúde da Nossa Gente: a popularização da ciência nos veios da educação não-formal. *In* Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – E-Compós. Brasília, vol. 19, n. 3, set/dez 2016. E-ISSN 1808-2599. Disponível em: <https://e-compos.emnuvens.com.br/e-compos/article/view/1297> Acessado em 12 nov. 2025.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. 2a reimpressão. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_ **Teoria do Brasil**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972.

TAVARES, Reynaldo. **Histórias que o rádio não contou**: do galena ao digital, desvendando a radiodifusão no Brasil e no mundo. 2a ed., São Paulo, Ed. Harbra, 1999.

## ANEXO I

Artes de Divulgação do *podcast Expertise*.





Fotos 1: Tatiana Reis.





Foto 1: Tatiana Reis.



Foto 2: Tatiana Reis.



Foto 3: Tatiana Reis.

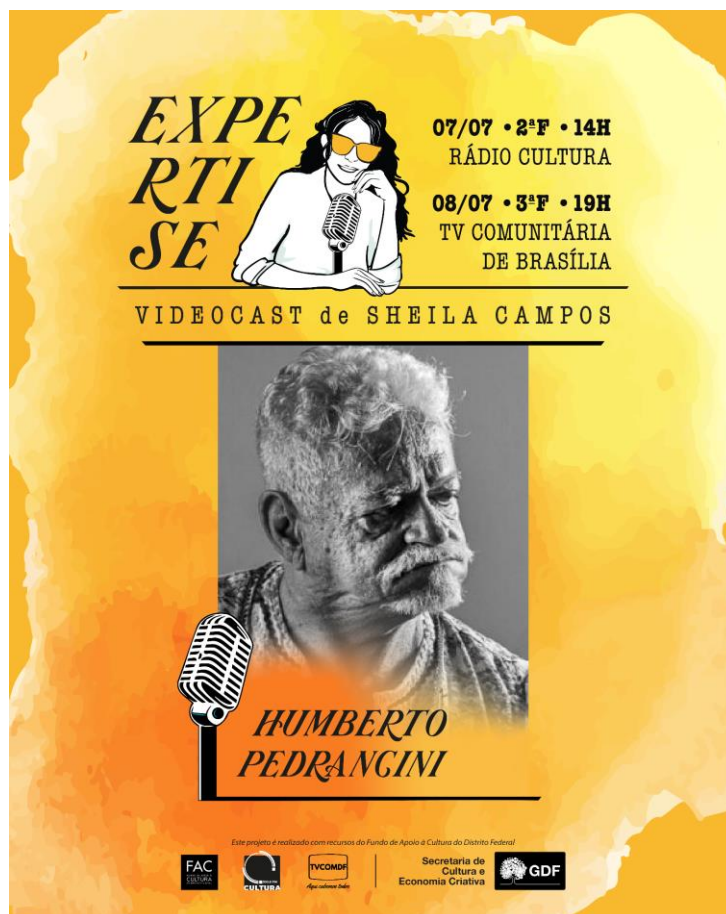


Foto 4: Tatiana Reis.



Foto 5: Tatiana Reis.



Foto 6: Tatiana Reis.



Foto 7: Tatiana Reis.